

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
4º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
7º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 16 – 04.08.2016

Assunto principal: O abraço primal (*holding*) e o Complexo de Kevin. A função afetiva e a formação da defesa autista, por uma fixação na segunda fase da vida (0-2 anos), ilustrada pelo filme *Precisamos falar sobre Kevin*.

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana: o Arquétipo Matriarcal, cap. 9.

Boa noite a todos.

Hoje estudaremos o caso de uma criança cujo quatérnio primário inclui um complexo materno com uma extraordinária fixação e defesa autistas. Essas defesas da mãe, vinculadas a um pai complacente, deram lugar a uma fixação na frustração que desencadeou as reações de ódio da criança e formaram uma personalidade psicopática assassina.

O **autismo estrutural neurológico**, descrito inicialmente por Leo Kanner em 1943, é hoje uma síndrome bem caracterizada. Paralelamente ao **autismo neurológico**, descrevi a **defesa autista**, também denominada esquizoide, que expressa um bloqueio emocional entre o Ego e o Outro, e que, como todas as demais defesas, é devida a uma fixação (complexo), que, neste caso, atinge a função estruturante afetiva e a função estruturante da agressividade.

A defesa autista é muitas vezes conceituada acompanhando a depressão pós-parto. No puerpério, o símbolo do bebê, com sua vulnerabilidade, sua carência e sua necessidade de contenção e cuidado, que Winnicott denominou “*holding and caring*”, pode ativar com grande intensidade um bloqueio afetivo já existente na personalidade dos pais, principalmente da mãe, provavelmente formado precocemente no seu próprio quatérnio primário, e que eles atuarão com o bebê. A defesa autista da mãe, do pai ou de ambos, pode ser ativada a ponto de eles atacarem o bebê, formando a síndrome da criança espancada (*battered child syndrome*). Nessas circunstâncias, há pais que passam

da defesa autista neurótica para a defesa psicopática, *borderline* e, até mesmo psicótica, quando praticam o filicídio.

Eva teve muita resistência para engravidar. Sabemos que ela e Franklin haviam participado de festas rave com muita diversão e drogas. Um dia descobrem que Eva está grávida.

Durante o puerpério, Eva atuou uma defesa autista muito intensa com seu bebê. Ela simplesmente não conseguiu abraçá-lo, ainda que o bebê berrasse a mais não poder. A primeira atuação psicopática do filme surge quando Eva para o carrinho com Kevin berrando ao lado de uma britadeira, que está abrindo um buraco no asfalto, no meio da rua. Eva parece aliviada quando o barulho da britadeira abafa por alguns momentos o berreiro de Kevin. A cena em que ela suspende Kevin para baixo e para cima, enquanto ele berra e ela não consegue abraçá-lo, também é emblemática da sua defesa autista, que aí se apresenta com enorme desenvoltura. Logo em seguida, Franklin acorda e aconchega Kevin, que recebe muito bem o agrado, mostrando claramente que ele, o pai não tem a defesa autista. No entanto, Franklin é um **conivente passivo**, pois apesar de não ter a defesa autista de Eva, ele fica impassível, quando ela atua sua defesa autista de maneira exuberante.

A seguir, tem início várias cenas nas quais Eva quer brincar com Kevin, que agora já tem mais de dois anos. Aparentemente Kevin tem simplesmente uma dificuldade de corresponder as iniciativas da mãe, como se fosse uma criança retardada, portadora, até mesmo, de um certo grau de autismo neurológico. Eva leva Kevin a um especialista que afasta qualquer patologia congênita. No entanto, para quem tem a capacidade de empatizar as emoções de Kevin, desde que ele gritava e não era acolhido como bebê, vai ficando cada vez mais claro que Kevin está expressando de forma crescente uma reação aversiva à mãe, proveniente de muita agressividade, oriunda de uma enorme fixação (complexo) devida à frustração afetiva que vai se transformando num ódio profundo. Fica claro também que aparentemente esse ódio à mãe é reativo à defesa autista dela dentro do quaternio primário. Trata-se do início da formação da defesa autista de Kevin, que se agravaria e se transformará na personalidade psicopática de um serial killer.

O Abraço Primal, a Frustração, a Agressividade, a Paciência e o Complexo de Kevin

O processo existencial inclui, lado a lado, satisfação e frustração. A satisfação gera alegria e congraçamento e a frustração gera tristeza e agressividade. A satisfação diz **sim** e a frustração diz **não**. **Uma das principais funções do Ego é a paciência, que contém a frustração e a tristeza e que propiciam a transformação da frustração e da**

agressividade. A paciência faz parte da função **aconchego (*holding*)**. Eu incluo esse aconchego na função estruturante do **abraço-primal** que começa com o nascimento e alimenta a capacidade de elaborar as emoções, inclusive a dor e o sofrimento, durante a vida.

Para manter as polaridades separadas e relacionadas ao todo do Self de forma sistêmica, o Arquétipo Patriarcal propicia a abstração das polaridades da posição insular matriarcal, na qual elas operam de maneira simbiotizada formando ilhas dentro do Self (veja Psicologia Simbólica Junguiana, capítulo X, Arquétipo Patriarcal).

Julinho tem dois anos e está brincando com um ursinho, na escola. Seu coleguinha Fernando (Fê), vem e pega o ursinho para ele. Julinho sente frustração porque ele e o ursinho estão muito apegados na simbiose. Eles se relacionam intimamente numa ilha que os separa do todo. Quando Fê praticamente arranca o ursinho, Julinho sente muita frustração (dor e sofrimento) que desencadeiam agressividade. Julinho começa a chorar de dor e de raiva e, num primeiro momento, se sente inpotente para consolar a sua dor.

Para apasiguar a frustração que é inerente à vida e está fortemente presente nas relações pessoais, temos **a função estruturante do acolhimento**. Como todas as funções estruturantes, o acolhimento também é arquetípico e virtual e é ativado e começa a ser integrado nas relações primárias. Winnikott destacou o “*holding* e o *caring*” dentre as relações primárias mais necessárias para a formação e o desenvolvimento do Ego, ou seja, da identidade. O **acolhimento** corresponde ao “*holding*” de Winnikott.

Julinho lidará com a frustração e a agressividade desencadeada por ela, dependendo do grau de acolhimento do qual seu Ego dispõe, recebeu e recebe dos seus cuidadores. Normalmente, ele próprio começa a acolher seu sofrimento e sua cuidadora ou cuidador no momento complementa o acolhimento. Caso sua função do acolhimento esteja se tornando fixada e defensiva, Julinho poderá não aceitar ser acolhido, como até mesmo agredir quem vier acolhê-lo. Quanto mais a função acolhedora se tornar defensiva, mais a frustração passará diretamente para a agressividade e, na vida adulta para o ódio, como aconteceu com Kevin.

Precisamos admitir que **o sofrimento, a dor, a frustração e a depressão ou tristeza, fazem parte do processo de desenvolvimento**. São essas funções que expressam as disfunções do processo. Quando elas são admitidas e vivenciadas, elas são absorvidas, as feridas cicatrizam e o processo continua. Absorvendo as vivências de sofrimento, vamos nos tornando mais experientes e maduros e vamos aprendendo com a resiliência, como a vida é cheia de frustrações e de dor e também de satisfações e alegrias.

No entanto, esse aprendizado, racionalmente tão simples, é difícilimo de ser integrado pela dificuldade que temos de admitir, aguentar e elaborar o sofrimento e a dor. Por isso, para reforçar a capacidade de resiliência, valorizo muito a função do relacionamento íntimo que denomino o **abraço-primal**. Essa função estruturante desempenhada pelos pais, ou cuidadores no quaternio primário, desde o início da vida, acolhe as emoções e o sofrimento da criança e ensina que ela faça o mesmo.

O abraço primal é uma função estruturante que opera durante toda a vida. Para compreender sua pujança, ela precisa ser percebida na ex-pressão dos quatro arquétipos regentes, na luz e na Sombra.

Ao expressar o Arquétipo Matriarcal, o abraço primal aconchega a emoção e a dor e concola o sofrimento, mostrando que o amor pode abrangê-los. Sua Sombra está no abandono, como aconteceu no Complexo Materno de Kevin, ou na superproteção que sufoca e enfraquece a criança. Ela se expressa, defensivamente, no abuso sexual e na violência. Existem casos em que o abraço primal de uma mãe ou de um pai transmite a Sombra deles na relação simbiótica, envenenando a criança com a compulsão das adições e do alcoolismo ou com uma carência tão grande que a contaminação se transforma num verdadeiro “abraço de afogado”.

Na expressão do Arquétipo Patriarcal, o abraço primal delimita a emoção impedindo seu transbordamento tanto para a busca da satisfação instintiva imediata, quanto para a atuação agressiva destrutiva. Sua Sombra está na repressão das emoções, como estigma, por exemplo, de que “homem não chora”. A repressão da agressividade geralmente é feita por rejeição e castigos. Na expressão do abraço primal pelo Arquétipo da Alteridade temos a busca de justa medida na qual aconchegamos o sofrimento, aceitando suas queixas de dor e sem dar à criança, a conotação de que a dor não deve existir. Sua Sombra maior é a indiferença ao sofrimento da criança, pelo fato “da dor fazer parte da vida”.

Finalmente, o Arquétipo da Totalidade expressa o abraço primal quando sentimos que o aconchego exerceu seu papel e que a elaboração do sofrimento daquele episódio chegou ao fim. Sua Sombra surge nos casos em que os pais ou a criança fixam a vivência de sofrimento e não conseguem encerrar o episódio já elaborado, usando-o para atrair atenção e se fixar numa posição de vítima.

Neste caso, pelo fato da função estruturante da agressividade de Kevin ser defensiva e se expressar voluntariamente, ou seja, conscientemente, podemos afirmar que se trata de uma **defesa agressiva psicopática**. Devido a essa defesa abranger praticamente a totalidade das reações de Kevin à mãe, devemos entender que a defesa é

gravíssima, está deformando intensamente a personalidade dele, e a transformando numa personalidade psicopática.

Da mesma forma que muitos têm dificuldade de reconhecer a sexualidade infantil, outros tantos não reconhecem a relação do desenvolvimento da agressividade com a frustração na infância. Freud, por exemplo, reduziu a agressividade do menino à tendência parricida dentro do perverso polimorfo e do Complexo de Édipo e Melanie Klein descreveu a agressividade do bebê se iniciando contra o seio materno em função da inveja conjugada com o instinto de morte.

A Psicologia Simbólica Junguiana considera a agressividade uma função estruturante normal que estrutura o Ego para expressar seu protesto e repúdio a uma frustração, geralmente acompanhada de sofrimento e dor. Nesse caso, **podemos considerar a frustração como a mãe da agressividade**. Por conseguinte, a agressividade expressa o **não** e o **ódio** desde o início da vida e a afetividade expressa o **sim** e o **afeto**. Ambas são úteis, normalmente. Mas podem se tornar fixadas e defensivas.

A função estruturante da agressividade em si não é má nem destrutiva, mas, pelo contrário, é muito necessária e útil para o desenvolvimento. A agressividade normal é inseparável da dor, da frustração, da contestação e da transgressão, indispensáveis à criatividade do desenvolvimento. Nesses casos, a agressividade diz não ao sofrimento e à frustração e impede sua fixação no *status quo* e na estagnação defensiva.

No entanto, quando fixada e tornada defensiva, a agressividade é uma das funções mais destrutivas da Sombra na prática do Mal. Para diferenciá-la da agressividade normal, é indispensável examinar o contexto no qual ela está sendo atuada, e identificar sua inadequação, fixação, compulsão de repetição e resistência.

A defesa autista de Eva, que não sabemos como se formou por desconhecemos sua história, continua intensa na dimensão neurótica e ela, nos primeiros anos, não percebe o quanto Kevin a está agredindo e torturando desde muito cedo. Somente por volta dos cinco anos é que Eva se dá conta que Kevin se diverte ao rechaçar e ridicularizar todos os seus gestos de dedicação.

É impressionante a agressividade e a crescente deformação do caráter de Kevin, que ataca a mãe e finge amar o pai. Nesse sentido, essa sensibilidade limitada do pai e a passividade e permissividade com as quais ele complementa a defesa autista da mãe, contrastam com a profunda sensibilidade e inteligência de Kevin, cada vez mais dedicadas a atuar o ódio defensivo.

Numa das situações em que Eva percebe que Kevin a está torturando, ela se descontrola e atua sua agressividade reprimida subjacente à sua defesa autista, jogando

Kevin no chão. Ele fratura o braço e Eva o leva ao hospital. Maquiavelicamente, Kevin não denuncia sua mãe à médica que engessa o seu braço. Ao voltar para casa, sua mãe começa a se desculpar diante do pai, mas Kevin a interrompe e inventa uma história na qual ele mente e a acoberta. Ela não o corrige e assim, ele a faz atuar psicopaticamente, por omissão, numa estratégia verdadeiramente diabólica.

Um fato muito importante na fixação de muitos casos de defesa psicopática é a fixação do Arquétipo Patriarcal sobre uma fixação do Arquétipo Matriarcal, como no caso de Kevin. O ódio oriundo da fixação matriarcal neurótica, devida ao abandono vivido com a defesa autista de Eva, se transforma na defesa psicopática homicida, quando Kevin, com sua extraordinária inteligência, passa a empregar o planejamento patriarcal para, maquiavelicamente, se vingar de Eva, desqualificando sua maternidade, sempre que pode.

Um dia ocorre o evento que se mostrará central na tragédia do Self familiar. Kevin teve uma indisposição e está acamado. Sua mãe está lendo para ele a história heroica de Robin Hood. Ela descreve como o herói desenvolve a arte do arqueiro, através da qual lidera a luta do povo oprimido contra as injustiças da monarquia. Nesse momento, significativamente, Kevin reclina sua cabeça sobre o peito da mãe. Seu pai entra no quarto e Kevin pede-lhe que saia e que a mãe continue lendo. O pai e a mãe se mostram surpresos e maravilhados com a mudança radical do comportamento do filho que, pela primeira vez, prefere a mãe ao pai e a trata afetivamente.

Pelo fato de sabermos o final da história, podemos imaginar que o agravamento progressivo da defesa autista e psicopática de Kevin atingiram a dimensão da **personalidade psicopática**, que é aquela na qual **a defesa passa a comandar a personalidade como um todo**. É nesse contexto que podemos pensar que, ao reclinar a cabeça sobre o peito da mãe e ao afastar o pai enquanto ela lê sobre o adestramento no arco e flecha de Robin Hood, Kevin não fez um gesto de amor e sim de grande interesse porque, naquele momento, ela lhe forneceu a ideia de como seu arquétipo do herói atuado defensivamente poderia atuar seu ódio além do Self Familiar, dentro do Self Cultural. Daí em diante, ele ganha do pai um jogo de arco e flecha e começa a exercitar-se até se tornar, aos 16 anos, um exímio atirador que atuará sua Sombra, matando seu pai e sua irmã, em casa e, indo depois para a escola, onde assassinará sete colegas, uma professora e um instrutor.

Este caso extremo, que é fictício pode servir de modelo para a compreensão de casos reais. O protagonista do massacre do Realengo, no Rio de Janeiro (2011), tem muita semelhança com este, se lembrarmos que o aluno assassino sofreu humilhações e

bullying com grande frequência na adolescência, que incluíram até mesmo ter sua cabeça enfiada na privada e puxada a descarga.

O que chama a atenção e fará com que muitos não acreditem na possibilidade de uma personalidade psicopática se formar da maneira como eu descrevi, é a precocidade dos sintomas. Essa incredulidade se deve, a meu ver, a não avaliarmos corretamente as fixações e sintomas que começam a se formar durante a dominância insular matriarcal, já na segunda fase da vida (0 a 2 anos). O caso chama a atenção para a exuberante criatividade do Arquétipo Central na formação e atuação da Sombra, no quaternário primário, na segunda (0-2 anos) e terceira (02-12 anos) fases da vida. Devido à extraordinária inteligência de Kevin e à gravidade patológica de sua psicopatia homicida, o psicólogo pode tender a imaginar que casos assim são raríssimos e assim não perceber a precocidade normal e anormal da extraordinária criatividade do Arquétipo Central, já no primeiro ano de vida da diferenciação do Self pelo abraço primal. Desde o início, surgem indícios de que as reações de Kevin têm aqui grande papel na formação do Ego, mas também chama a atenção a incapacidade dos pais perceberem o crescimento do ódio defensivo no Self de Kevin, seja pela defesa autista da mãe, pela sensibilidade limitada do pai, pelo vínculo polianescoalienado entre os dois ou pela ignorância deles e das pessoas sobre a criatividade do Arquétipo Central na infância, para o Bem e para o Mal.

Para terminar esta análise, falta elaborar um símbolo muito importante que é o motivo de Kevin não ter assassinado sua mãe junto com seu pai e sua irmãzinha. Vejo duas linhas de associação possíveis para exercermos a nossa intuição. A primeira é que dentro do ódio extremo da psicopatia de Kevin, a pior maldade que ele poderia fazer com sua mãe era deixá-la viver para sofrer e testemunhar a tragédia por ele causada. A segunda é que, como alvo central do ódio de Kevin, ela carregava o símbolo da totalidade e, lá no fundo, a razão de todo aquele ódio, era carência do amor, bloqueado pela defesa autista. Não podemos esquecer que as polaridades psíquicas operam dentro de um espectro que varia da oposição com os polos representados nas suas extremidades à igualdade quando os polos se encontram no centro do espectro. Neste caso, o ódio e o amor intensamente opostos podem se encontrar e se tornar iguais.

Dentro desta segunda hipótese podemos intuir também o significado do diálogo entre a mãe e Kevin dois anos depois da tragédia. “Eu só queria compreender porque você fez o que fez. Você sabe?”, pergunta ela. Kevin responde: “Antes eu tinha certeza que sabia, agora, não tenho tanta”. Uma possibilidade para explicar essa resposta tão enigmática seria: “Eu achava que a expressão do meu ódio era a finalidade da minha vida. Depois do que fiz e de todo o mal que causei, passados dois anos, começo a não ter

tanta certeza”. Eles aí se abraçam e, pela primeira vez, ela realmente atravessa a defesa autista e ele aceita seu afeto. **Foi como se ele começasse a perceber que por trás de todo aquele ódio, havia a carência de amor na personalidade dos dois.**

De um modo geral, a psicologia tradicional vem tentando há mais de um século descrever estereótipos de reações da criança no desenvolvimento da personalidade, como aconteceu, por exemplo, na redução do Quatérnio Primário ao Complexo de Édipo. Diferentemente desta tendência, **a Psicologia Simbólica Junguiana busca chamar a atenção para a necessidade de se compreender a dinâmica simbólica imprevisível e extraordinariamente criativa da interrelação das forças que compõem o quatérnio primário, para se entender as características da identidade do Ego e do Outro e a ocorrência de fixações e defesas que estão formando a Sombra.** Trata-se de **uma atitude de abertura para buscar** compreender simbolicamente a psicodinâmica quaternária do que está acontecendo no misterioso desenvolvimento do Self Individual, Conjugal, Familiar e Cultural ao invés de se prever teoricamente **o que deve estar acontecendo** na formação da identidade da criança em cada idade.

Para a próxima aula, no dia 11/08, estudaremos a Sombra do Quatérnio Primário na dimensão pedagógica, com a polarização trágica na adolescência entre o Arquétipo da Anima e o Arquétipo Patriarcal defensivo, apresentado no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*. Peço-lhes relerem o capítulo V da Psicologia Simbólica Junguiana sobre as fixações, defesas e formação da Sombra.

Boa noite a todos, e até a próxima quinta-feira.

Byington